

A' SERENISSIMA SENHORA

PRINCEZA
DE

PORTUGAL,

BRASIL.

SONETO.

L
45364
P

Princeza Augusta, Astro Luzitano,
Esfclarecido Sol, raro protento,
Prodigio singular do entendimento,
E gloria universal do Soberano:
Sois Serafim na terra mais que humano,
A quem dedico em puro rendimento
A mais rendida fé, sem mais intento
Que ver o affecto meu do emprego ufano.
Vivei annos felices sempre Augusta
Princeza singular, bella Deidade,
Em quem a adoraçõ he mais que justa.
Hoje chego a elles pès com humildade,
A beijar huma mão, em que se ajusta
A clemencia, o amor, e a piedade.

SONETO

SONETO.

Foy discreta, foy justa, e foy ditoza,
Infante excelso, e quanto dezejada
Foy aquella eleiçãõ taõ celebrada,
Que vos-unio a vós, com vossa Esposa!
Por ella se vê hoje venturoza
A nossa Monarchia, e socegada,
E se vê já segura, e dilatada
Em Portugal a Coroa Magestoza;
Jà o Reyno se vê convalescido
Daquelle susto grande, em que vivia,
Sem successãõ, penozo, e affligido;
Quando? No mais ditozo, e feliz dia,
Se vê em Portugal hum Rey nascido
Para socego, e paz da Monarchia.

GLOSSA.

I.

ALerta Portugal, que alto motivo
Te preciza a prazeres, e louvores;
Pois despachou o Ceo, já compassivo
Os teus rogos, suspiros, e clamores;
Hoje para socego, e lenitivo,
De Pedro nasce hum Rey, e em taes favores
Mostra o Ceo que a eleiçãõ de sua Esposa
Foy discreta, foy justa, e foy ditoza.

II.

P Or ella o melhor bem se nos seguio,
Na feliz successão da Monarchia;
A ventura mayor se concluiu
Neste mais que ditozo, e alegre dia,
Nelle mostrou o Ceo que nos ouvio
Pois fô da mão de Deos vir nos podia
Huma dita, que foy tão implorada,
Infante excelso, e quanto dezejada.

III.

J A' do laço feliz, e venturozo,
Que destinou o Ceo, vemos sem susto
Hum Principe nascido, que ditozo
O Ceptro lograrà, e o Throno Augusto;
Agora quiz o Ceo como piedozo
As supplicas ouvir, e excessso justo
Com que no Reyno seu, tão festejada
Foy aquella eleição tão celebrada.

IV.

E M Portugal hum Principe nascido!
Que dita, que favor, e que ventura!
De virtudes o veja enriquecido
Quem o Reyno, e a paz nelle segura;
Por vós, Pedro, e Senhor, restituído
Hoje o Reyno se vê, e conjectura
Ser effeito da mão mais piedozza
Que vos unio a vós, com vossa Esposa!

Festivos parabens, vivas eternos
Vos dou, Princeza excelsa, e esclarecida:
Lograi o Filho Augusto nos maternos
Braços, que são de amor gostoza lida:
Affagai com carinhos os mais ternos
Essa joya sem preço, nem medida;
Pois vossa Monarchia, já ditoza,
Por ella se vê hoje venturoza.

VI.

HUm assumpto de applauzos o mais dino
Hoje o Ceo piedozo nos offerece
Nesse elevado, e grande pequenino,
Que como Astro mayor já resplandece;
Por ventura, por gloria, e por destino
Essa prenda no Mundo se conhece,
E por ella se vê já descancada
A nossa Monarchia, e socegada.

VII.

Promitta o Ceo que reyne, logre, e viva
Prolongadas idades, e que veja
Dilatada, fiel, e excessiva
A ventura, que o Reyno lhe dezeja;
Com gloria singular, e suceffiva
Respeitado, e temido sempre seja:
Nelle descance a Coroa que lhe he dada,
E se vê já segura, e dilatada.

A Palavra de Deos não tem falencia,
E pelo mesmo Deos foy promettido,
Que havia dilatar a descendencia
Dos Reys de Portugal, isto he sabido;
Neste favor Divino, a Providencia
Decretou este Principe nascido,
Nelle segura Deos com mão piedosa
Em Portugal a Coroa Magestosa.

IX.

HUm Reyno, que por Deos foy nomeado
Para sua assistencia, e não podia
Ficar sem successão desconfolado
Hum Reyno que tal gloria pessuia;
Hoje se vê sem fusto, e sem cuidado,
Todo excessos de gosto, e de alegria,
E do temor passado, e padecido,
Jà Portugal se vê convalescido.

X.

Vinde, Principe excelso, e Soberano,
Vinde, Astro singular, e rutilante,
Illustrai o Imperio Luzitano
Animado Planeta, Sol brilhante,
Vinde, ó Anjo de paz, e mais que humano
Serafim sem igual, nem semelhante;
Vinde livrar a vossa Monarchia
Daquelle suso grande, em que vivia.

EM hum mar de suspiros, e pezares
 Entre penas, e magoas naufragando
 Os Vassallos, nos Côros, e Altàres
 A Deos em eternas vozes implorando,
 Padecendo receyos a milhares,
 Em continuos pezares suspirando;
 Assim se via o Reyno combatido
Sem successão, penozo, e affligido.

XII.

ENtre os mesmos receyos se lembrava
 O Reyno, de que he Deos Pay amorozo,
 E na sua promessa confiava
 Que faria o seu Povo mais ditozo;
 Quantas vezes a Deos já perguntava,
 Quando fareis o Reyno venturozo?
 E a fé interior lhe respondia:
Quando? No mais ditozo, e feliz dia.

XIII.

CHegou porèm o dia dezejado,
 Já Portugal se vê cheyo de glorias
 Alegre, já festivo, e consolado
 Se promette venturas, e victorias:
 Agora sim, que em gostos duplicados
 Em oblaçoens festivas, e notorias,
 Por Decreto de hum Deos compadecido,
Se vê em Portugal hum Rey nascido.

G Raças vos dou, Senhor, Omnipotente
Pois quando a vós afflictos imploramos,
Consolais este Reyno descontente
Na falta deste bem, que hoje logramos;
Agora fim que alegres justamente
Donde afflictos pedimos, graças damos,
Porque nasceo hum Rey no melhor dia,
Para socego, e paz da Monarchia.

EM LOUVOR
DA MADRE SOROR THOMASIA CAETANA
DE SANTA MARIA.

Suspenda a Corte seu clamor ardente
Nos applausos do Principe nascido,
Que outro som muito mais esclarecido
Os decanta sonõra, e docemente.
Esse Numen, Senhora, que excellente
Vos illustra, do Ethereo foy descido,
E o de Apollõ já fica supprimido,
Por vosso mètro ser mais eloquente.
Nem Aglaya se julgue ser ufana
Na expressam de alegria taõ ditoza,
Que nos deo a Princeza Soberana.
Para acclamar o bem, que o Reyno goza,
Em tudo o que faltar á voz humana
Suppra a vossa, que sois de Christo Esposa.

De Caetano Francisco Xavier de Zuniga.

45364 11